

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALANA PATRÍCIA CAVALCANTE CARNEIRO
FLÁVIO ALBUQUERQUE DA SILVA
RENATA FERNANDA CARDOSO DO NASCIMENTO

**O LETRAMENTO RACIAL COMO FERRAMENTA
ANTIRRACISTA NA ESCUTA CLÍNICA**

RECIFE/2023

ALANA PATRÍCIA CAVALCANTE CARNEIRO
FLAVIO ALBUQUERQUE DA SILVA
RENATA FERNANDA CARDOSO DO NASCIMENTO

**O LETRAMENTO RACIAL COMO FERRAMENTA ANTIRRACISTA NA ESCUTA
CLÍNICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Disciplina TCC II do Curso de Bacharelado em
Psicologia do Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão
do curso.

Orientador(a): Prof. Dra. Flávia de Maria Gomes
Schuler.

RECIFE/2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

C289I Carneiro, Alana Patrícia Cavalcante.
O letramento racial como ferramenta antirracista na escuta clínica / Alana Patrícia Cavalcante Carneiro; Flávio Albuquerque da Silva; Renata Fernanda Cardoso do Nascimento. - Recife: O Autor, 2023.

24 p.

Orientador(a): Ma. Catarina Burle Viana.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2023.

Inclui Referências.

1. Letramento racial. 2. Racismo. 3. Psicologia clínica. 4. Branquitude. 5. Etnia. I. Silva, Flávio Albuquerque da. II. Nascimento, Renata Fernanda Cardoso do. III. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 159.9

Dedico este trabalho aos meus antepassados, que foram atravessados pela crueldade do racismo e não tiveram a oportunidade da escuta e acolhimento de suas dores. Aos que vieram antes de mim e foram incansáveis na resistência e na luta pela sobrevivência, carregando o fardo de estarem "sozinhos" neste mundo desigual. Dedico ainda aos meus futuros pacientes, reafirmando meu desejo e compromisso na luta por uma realidade onde tenha mais de nós em todos os espaços.

Dedico esse trabalho a minha avó materna Verinalda que me fez ser a pessoa que sou e que sempre apoiou os meus estudos e orou para que tudo desse certo pra mim. Dedico esse trabalho também a meu filho Noah que é um dos motivos por trás de eu não desistir dos meus sonhos e de buscar ter uma vida melhor.

AGRADECIMENTOS

De Flávio,

Em primeiro lugar, a Deus, pois sem a orientação e graça, este Trabalho de Conclusão de Curso não teria sido possível. Concedendo força e determinação para enfrentar os obstáculos e superar os desafios. Sinto-me verdadeiramente abençoado por sua constante presença em minha vida.

Em segundo lugar, gostaria de expressar minha sincera gratidão a Alana e Renata, que desempenharam papéis importantes no desenvolvimento deste projeto. Seus acolhimentos, orientações e apoio incansáveis foram fundamentais para o sucesso deste trabalho. Suas contribuições valiosas e dedicação à minha formação acadêmica não têm preço. Agradeço por estarem ao meu lado, compartilhando conhecimento e inspiração, tornando esta jornada mais significativa e enriquecedora.

Por fim, não posso deixar de agradecer à minha família, que sempre foi minha fonte de força e inspiração. Apoio emocional e incentivo constante foram os alicerces que me sustentaram durante os momentos difíceis e me influenciaram nas conquistas.

De Renata,

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que sempre me encheu de força e sabedoria pra correr atrás do que sonhei pra mim.

Agradeço a meu marido Kleber por todas as palavras de incentivo, por acreditar em mim mesmo quando eu não acreditava e por não medir esforços ao longo de todos esses anos para que o sonho de me tornar psicóloga se tornasse realidade.

Agradeço também a meu pai Daniel pelo apoio dado desde antes de iniciar o curso de psicologia até hoje. Você sempre falou com orgulho sobre mim e a profissão que escolhi seguir, seu incentivo fez toda a diferença pra minha caminhada.

Agradeço a minha mãe Fabiana que sempre foi meu maior exemplo de como tratar as pessoas, sempre pensando em ajudar o próximo. Te agradeço também por me dar a vida e por torcer pela minha felicidade, que eu sei que também é a sua.

Por fim, agradeço a Jorge Lira pelo apoio e orientação referente a este trabalho.

De Alana,

Expresso minha gratidão a minha coragem e ao meu próprio processo de letramento racial, iniciado com a formação de psicologia e concretizado pela escolha de realizar a transição capilar, assumindo os meus traços negróides. Este processo me permitiu ver o mundo e ser vista por uma outra perspectiva, me reconhecendo como mulher negra e acolhendo as marcas e o atravessamento das violências vividas ao longo da minha história e negligenciadas, até então. Agradeço a minha psicóloga Rita de Kassia, que neste percurso para além da relação transferencial, foi minha referência de discurso e tornou meu processo mais leve. Sou grata aos professores que se propuseram ao desafio de trazer a temática racial de forma provocativa à sala de aula e em especial ao professor e amigo, Jorge Lira que se fez presente nesta construção. Por fim, agradeço a Deus.

“Nossas vidas começam a terminar no dia em que permanecemos em silêncio sobre as coisas que importam.”

Martin Luther King

RESUMO

Esse trabalho tem por tema: o letramento racial como ferramenta antirracista na escuta clínica. Enquanto objetivo geral buscou refletir sobre a importância do letramento racial na formação acadêmica dos psicólogos. Os objetivos específicos foram: investigar como as universidades brasileiras abordam as discussões raciais no curso de psicologia, analisar as consequências do despreparo profissional do psicólogo no que diz respeito às pautas raciais e discorrer acerca da relevância do letramento racial na escuta clínica. Para isso foi escolhido como metodologia a revisão sistemática de literatura para construção desse trabalho. Os resultados dessa pesquisa revelaram que por mais que esteja havendo avanços tanto na literatura como no interesse e debate sobre a temática racial, permanece a lacuna na formação profissional de psicologia quando o assunto é raça. Esse despreparo impacta negativamente no atendimento a pessoas pertencentes a grupos raciais específicos, como é o caso da população negra da qual esse trabalho se direciona. A psicologia clínica ainda se encontra distante dessa discussão, possuindo poucas ferramentas para manejo das vivências de racismo que são abordadas na clínica. Conclui-se que é extremamente importante a inserção da temática racial como disciplina obrigatória e tema transversal às demais disciplinas dos cursos de psicologia, além de mais produções literárias construídas por psicólogos sobre relações raciais. Dessa forma, os profissionais da psicologia estarão aptos a manejar corretamente essa demanda quando ela surgir no setting terapêutico, possibilitando dessa forma uma redução do sofrimento derivado do racismo.

Palavras-chave: letramento racial; racismo; psicologia clínica; branquitude; etnia.

ABSTRACT

This work's theme is: racial literacy as an anti-racist tool in clinical listening. As a general objective, it sought to reflect on the importance of racial literacy in the academic training of psychologists. The specific objectives were: to investigate how Brazilian universities approach racial discussions in psychology courses, to analyze the consequences of psychologists' professional unpreparedness with regard to racial issues and to discuss the relevance of racial literacy in clinical listening. For this purpose, a systematic literature review was chosen as a methodology to construct this work. The results of this research revealed that even though there are advances in both literature and interest and debate on racial issues, there remains a gap in professional psychology training when the subject is race. This lack of preparation negatively impacts the service provided to people belonging to racial specific groups, as is the case of the black population, which this work is aimed at. Clinical psychology is still far from this discussion, having few tools to manage the experiences of racism that are addressed in the clinic. It is concluded that it is extremely important to include racial themes as a mandatory subject and a transversal theme to other subjects in psychology courses, in addition to more literary productions built by psychologists on racial relations. In this way, psychology professionals will be able to correctly manage this demand when it arises in the therapeutic setting, thus enabling a reduction in suffering derived from racism.

Keywords: racial literacy; racism; clinical psychology; whiteness; ethnicity.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----------|
| Fluxograma 1 - Base de dados utilizadas e critérios de exclusão..... | 27 |
|---|-----------|

LISTA DE TABELAS

| | | | | | | |
|----------------|----------|---|---------------|-----------|-------------------|----------|
| Tabela | 1 | - | Tabela | de | resultados | e |
| discussão..... | | | | | | 28 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2. OBJETIVOS..... | 16 |
| 2.1. Objetivo geral..... | 16 |
| 2.2. Objetivos específicos..... | 16 |
| 3. REFERENCIAL TEÓRICO..... | 16 |
| 3.1. O curso de psicologia e a educação das relações raciais: reflexões em torno da formação inicial do psicólogo..... | 17 |
| 3.2. Produções literárias no campo da psicologia nas relações raciais..... | 18 |
| 3.3. Formação em psicologia..... | 19 |
| 3.4. O letramento racial e sua relevância na prevenção de uma reviolência no contexto do fazer clínico: Considerações em torno da atuação do psicólogo..... | 20 |
| 3.5. A formação profissional do psicólogo quanto às pautas raciais: impactos da atuação do psicólogo clínico na saúde mental dos pacientes..... | 23 |
| 4. DELINEAMENTO METODOLÓGICO..... | 26 |
| 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 28 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 34 |
| REFERÊNCIAS..... | 35 |

1. INTRODUÇÃO

O Brasil aboliu a escravidão em 1888, sendo o último país do mundo a cessar o regime de trabalho escravo. Em contrapartida, foi o primeiro a realizar um movimento eugenista organizado (Ramos, 2021). O objetivo deste movimento era o aprimoramento da raça humana. O conjunto de ideias criado por Francis Galton, tinha como base o estudo da hereditariedade e, mesmo após o seu questionamento enquanto ciência, obteve muito sucesso, sendo usado ao longo do tempo como justificativa de práticas racistas e discriminatórias (Maciel, 1999).

Tendo como pressuposto uma explicação para o cenário de suposto atraso no país, a eugenia ganhou força no Brasil, como uma estratégia para superação desta situação. Excluindo da sociedade, através da seleção de raças, comportamentos e características ditas como indesejáveis, como por exemplo doenças mentais e atitudes ilícitas. Esta proposta discriminatória foi legitimada por parte da intelectualidade e difundida pela sociedade em geral, deixando resquícios no senso comum, que fundamentam até os dias atuais, comportamentos discriminatórios de forma velada (Maciel, 1999).

Uma das práticas eugenistas que ocorreram no Brasil e foi intensificada após a abolição da escravidão foi o branqueamento da população. Sobre esse fenômeno Carone (2016) afirma que foi resultado de uma violência perpetrada pelos portugueses contra o povo africano, não sendo, portanto, o curso natural das coisas, como se poderia pensar num primeiro momento.

A ideia predominante nesta época era de que através do cruzamento racial, os negros e indígenas deixariam de existir. Foi com esse intuito de branquear a população, que tanto o Estado como a elite branca, incentivaram a vinda de imigrantes europeus para o solo brasileiro. Enquanto isso os negros ficaram a própria sorte sem ter seus problemas resolvidos e suas necessidades atendidas (Carone, 2016).

Estes acontecimentos deixaram marcas na construção da sociedade brasileira, impactando na qualidade de vida e na subjetividade dos sujeitos. A representação que muitos indivíduos negros fazem de si é influenciada pelo imaginário social que se tem da raça negra. Os relatos pessoais de mulheres e homens negros trazidos no livro de Souza (1983) Tornar-se negro, exemplificam bem esse fenômeno de negação da negritude e as constantes tentativas de

aproximação com o universo branco, mesmo que nesse processo a saúde mental se perca. Por este motivo, é imprescindível para uma escuta qualificada, considerar a história do sujeito, incluindo os recortes de etnia, cor e o contexto social em que ele vive.

Diante disto, é importante compreender o conceito de racismo. Para Almeida (2019) se refere a um tipo de discriminação, que se estrutura a partir da ideia de raça, sendo essa conduta discriminatória a responsável por gerar um comportamento diferenciado em relação a determinados grupos raciais, produzindo por consequência benefícios para indivíduos brancos e prejuízos para os outros que não correspondem a raça tida como norma.

Por ser o racismo um fenômeno complexo, não se limitando apenas ao campo do individual, mas também se manifestando nas instituições e sendo pilar da sociedade brasileira, marca sua presença nos mais diversos contextos da vida, como aponta o autor citado anteriormente (Almeida, 2019). Ao constatar que o racismo se localiza em diversos âmbitos e gera grandes impactos sobre a qualidade de vida e adoecimento mental da população negra e entendendo que a raça faz diferença na forma com que os indivíduos são tratados e vivem, não se pode desconsiderar o fator raça na clínica psicológica para o entendimento das vivências de sofrimento desse público. Sendo assim, torna-se evidente a necessidade da construção de uma Psicologia com um olhar sensível às questões que envolvem o racismo.

Segundo Veiga (2019), quando a Psicologia se limita a estudos da perspectiva branca e eurocêntrica a respeito do sofrimento psíquico e da saúde mental, ela se torna excludente, pois desta maneira não é possível tratar adequadamente o público preto que representa 54% da população brasileira.

Os impactos da ausência de formação dos psicólogos tanto brancos como negros, referente às pautas raciais e como o racismo gera sofrimento mental para as pessoas pretas, é bem descrito na pesquisa de Gouveia e Zanello (2019), com 7 mulheres negras em processo de psicoterapia. Foi apontado nos relatos das entrevistadas, o silenciamento por parte das psicólogas que lhe atenderam, quando não houve menosprezo do que era comentado pelas pacientes.

A não discussão do racismo como fonte de sofrimento na vida dessas mulheres foi visto por elas como um impedimento de um progresso maior na psicoterapia. As mesmas ou evitavam falar sobre esse assunto para não

desagradar suas psicólogas brancas ou deixavam para lá esse aspecto de sua vivência para não ter que desistir da psicoterapia, dando assim prioridade a outros assuntos durante os atendimentos. Para todas elas, uma preparação desses profissionais no quesito raça tornaria o tratamento mais eficaz e é fundamental para a prática clínica. A cor da psicóloga ser a mesma que a da paciente negra, foi tida como um ponto positivo de primeiro momento, para que a paciente se sentisse mais a vontade de trazer o tema do racismo, mas só fazerem parte do mesmo grupo racial não foi suficiente para um bom acolhimento desse tópico, visto que não é só a vivência parecida que conta, mas também a formação no assunto.

De acordo com Tavares, J.S.C. e Kuratani, S.M.A. (2019), para que seja estabelecido o vínculo terapêutico entre o paciente, que apresenta sofrimento psíquico proveniente do racismo, e o psicólogo, é necessário uma escuta atenta e sensível, capaz de identificar qual é o nível de consciência do sujeito em relação à violência sofrida, para que o profissional da saúde mental adeque o manejo clínico de acordo com a relação de confiança construída. Neste mesmo artigo, os autores citados acima afirmam que a mesma estratégia utilizada no intuito de fortalecer o vínculo, explorando assuntos triviais do sujeito, pode ser interpretada como uma minimização do sofrimento dele. Portanto, se faz necessário uma escuta crítica e atenta para que a clínica seja um espaço de acolhimento e não cenário de uma nova violência.

A escolha dessa temática se deu pela percepção de que no curso de psicologia pouco ou nada se fala sobre raça e racismo, havendo devido a esse déficit durante e após a formação do psicólogo, um despreparo profissional da pessoa que atende pacientes negros.

A inaptidão desses profissionais em compreender bem e trabalhar corretamente essas demandas que chegam ao consultório, acaba por gerar um atendimento de menor qualidade, incompleto, por desconsiderar uma parte importante da constituição dos sujeitos, como afirma (Gouveia e Zanello, 2019), Logo, o conhecimento e domínio dos psicólogos e psicólogas referente às pautas raciais é essencial e urgente e se dá por meio do letramento racial que iremos abordar ao longo do trabalho.

Essa pesquisa é relevante para área acadêmica porque demonstra que é necessário a incorporação do letramento racial na formação do psicólogo, na grade curricular da instituição de ensino e na formação continuada. Apesar de ter

havido várias produções de conteúdos sobre letramento racial no campo da Psicologia nos últimos anos, até agora é escassa a atenção e empenho sobre a temática nas universidades e centros de ensino superior, demonstrando uma carência na formação em Psicologia (Schucman e Martins, 2017). Embora a Psicologia no Brasil tenha tradição no estudo das relações raciais (Bicudo, 1947; Ginsberg, 1955; Leite, [1966] 2008; Santos, Schucman e Martins, 2012), ainda é discreto a atitude desse conteúdo nas disciplinas de graduação da área, e o presente estudo vem fortalecer essa certificação.

No que diz respeito ao campo social, a contribuição está em pacientes negros terem suas demandas compreendidas e corretamente trabalhadas pelos psicólogos responsáveis pelo acompanhamento, não havendo dessa forma nem negligência de um aspecto importante de sua constituição enquanto sujeito complexo, nem uma outra violência devido ao silenciamento ou banalização do racismo diante de um relato de dor. Portanto, compreender as repercussões desse fenômeno que é o racismo no bem-estar da população negra é fundamental para um trabalho ético e transformador.

Esse estudo visa responder o seguinte questionamento: De que forma tem sido incorporado o letramento racial na formação do psicólogo e qual a importância da postura antirracista na escuta clínica?

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

Refletir sobre a importância do letramento racial na formação acadêmica dos psicólogos.

2.2. Objetivos específicos

Investigar como as universidades brasileiras abordam as discussões raciais no curso de psicologia, analisar as consequências do despreparo profissional do psicólogo no que diz respeito às pautas raciais e discorrer acerca da relevância do letramento racial na escuta clínica.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. O curso de psicologia e a educação das relações raciais: reflexões em torno da formação inicial do Psicólogo.

A psicologia vem atuando em vários polos profissionais através de pesquisas e ações no campo da educação, saúde, justiça, trânsito, esporte, hospitais e na área profissional. Compreendendo a demanda atual, é essencial que se desenvolvam instrumentos eficazes para intervir nos temas raciais (CFP, 2017).

Tradicionalmente, a psicologia brasileira tem se colocado como cúmplice do racismo, tendo criado conhecimentos baseados nas teorias eurocêntricas discriminatórias que não observam a diversidade do nosso país e tem se posicionado com brandura diante das desigualdades políticas, incluindo o racismo e o sexismo.

Segundo Quijano (2005), o eurocentrismo é um vestígio de pensamento moderno que se declara a uma visão de mundo centrada na Europa, onde a Europa é usada como base para ajuizar e abranger outras culturas e povos (Quijano, 2005).

Os desdobramentos do movimento negro, através das psicólogas negras, a partir dos anos 2000, começou a influenciar uma parcela de profissionais de psicologia, e atualmente a discussão está crescendo institucionalmente (CFP, 2017).

É importante diante dessa nova realidade apresentar dois princípios do código de ética do psicólogo:

II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural (Conselho Federal de Psicologia, 2005, p.7).

O psicólogo tem obrigação de analisar minuciosamente e com um olhar crítico a realidade econômica, social, política e cultural, com o objetivo de colaborar para mudar positivamente a sociedade. São princípios éticos de suma importância para o psicólogo lidar com responsabilidade e comprometimento proporcionando saúde mental e bem-estar ao indivíduo (CFP, 2017).

A prática da psicologia deve estar sempre regada pela observância aos direitos humanos e pela demanda da justiça social e suas questões raciais (CFP, 2017).

Diante do exposto torna-se necessário a inclusão de materiais produzidos por autores negros, na formação de profissionais da psicologia, pois dessa forma as especificidades da população negra serão contempladas.

3.2. Produções literárias no campo da psicologia nas relações raciais.

As criações literárias no campo da psicologia associada às questões raciais têm exercido um papel valioso na compreensão e no combate do racismo. Nessas circunstâncias, vários estudos têm sido geridos por pesquisadores de graduação e pós-graduação em psicologia, que desempenham revisões bibliográficas das obras existentes nessa área (CFP, 2017).

Ferreira (2000), por exemplo, expõem em seu livro um estudo extenso sobre raça, etnia e racismo, oferecendo uma base teórica sólida para entender as relações raciais na psicologia. Santos, Schucman e Martins (2012), colabora com um artigo que examina minuciosamente as abordagens e os problemas enfrentados na pesquisa sobre etnia e raça na psicologia (CFP, 2017).

Além do mais, Schuman, Nunes e Costa (2015), contribuem com uma análise sobre as interpretações sociais e a psicologia social no ambiente das relações sociais, revelando a importância de levar em consideração os assuntos raciais em estudos psicossociais (CFP, 2017).

Ainda assim, ao analisar o campo da psicologia, determinadas limitações têm sido detectadas quanto à falta de pesquisa sobre a branquitude, que é conceituada como uma formação social que garante o domínio e o direito de um grupo étnico específico (Davis, 2016).

A branquitude é uma classe racial que não é contestada ou percebida como uma identidade, mas como um modelo invisível que comanda o comportamento social (Frankenberg, 2004).

O debate sobre as relações raciais necessita, conseqüentemente, incluir consideração sobre a branquitude, bem como inserir as pessoas brancas nessas questões, levando em consideração, nitidamente, seu lugar de fala (Ribeiro, 2018).

A primeira possibilidade é o fato de que a maior parte dos psicólogos e pesquisadores serem brancos e socializados dentro de um povo considerado desracializado, ajudando a consolidar a concepção de que quem tem etnia ou raça é sempre o outro, e agora a branquitude como personalidade racial regulamentaria. A

segunda possibilidade é que expor a branquitude significa revelar os símbolos e privilégios materiais que os brancos desfrutam nas estruturas raciais (CFP, 2017).

Maria Aparecida Bento (2002) afirma que os brancos em nosso meio social atuam por meio de um instrumento que ela chama, com fundamento, sobretudo nos escritos de René Kroes, de acordo narcísicos, que formam pactos inconscientes que são forjados para eliminar elementos como a escravização de negros e a consequente expropriação de muitas posses e direitos do povo negro. Bem como a inculcação de outras crenças, de acordo com as necessidades psicológicas dos grupos. Existe um consenso entre os brancos liderados por convicções como domínio e meritocracia para racionalizar o direito e as perdas dos negros.

A psicologia pode contribuir na compreensão, no enfrentamento e superação dos sentimentos relacionados a discriminação racial. Além de utilizar teorias para entender a "subjetividade da negritude". O silêncio revela a presença de um tratado de negligência e a cumplicidade com o mito atual, hegemônico e opressor, da vivência de uma democracia racial (Silva, 2001, p.3).

3.3. Formação em psicologia

A graduação acadêmica de psicologia é importante para criar uma base estruturada de conhecimento e de boas práticas em vários temas do dia a dia do indivíduo. Conseqüentemente, é nessa ocasião que é relevante mostrar aos estudantes de psicologia assuntos significativos, para estimular o interesse na procura de conhecimento que abordem as relações raciais e seus impactos negativos na sociedade (CFP, 2017).

Nas grades curriculares das faculdades e universidades de psicologia brasileiras, ou nos conteúdos curriculares dificilmente é visto citações ao tema do racismo nas disciplinas fundamentais (CFP, 2017).

Essa realidade necessita ser transformada, pois, a temática raça é um dos princípios que indica, diferencia, categoriza e coloca os sujeitos em nossa sociedade. Por isso, deve ser incluída na formação dos psicólogos. Há a necessidade de formar psicólogos e professores atentos às questões raciais e integrá-los nas diversas disciplinas da psicologia (CFP, 2017).

É importante destacar, que alguns cursos como a graduação de professores(as) em Pedagogia têm em sua grade curricular o ensino de História da

África e das relações raciais. Esses conteúdos devem ser inseridos nas disciplinas, cursos e especializações de psicologia (CFP, 2017).

Assim sendo, é necessário que os atuais e futuros profissionais de psicologia entendam de maneira mais abrangente e específica como ocorrem as relações raciais que existem na sociedade, que há uma angústia psíquica, delicada e evidente presente no dia a dia de pessoas negras (CFP, 2017).

Algumas ações estão sendo realizadas como, grupos de estudo com a temática sobre Racismo, cine debates, palestras em sala de aula, exposições, museus, discussões relacionadas à ideia – raça, branquitude, conquista do Movimento Negro, religiosidade afro-brasileira, direitos humanos, racismo e sofrimento psíquico (Castelar e Santos, 2012).

Dessa forma, é interessante ressaltar que uma pesquisa realizada com alunas(os) do curso de Psicologia da Universidade de São Paulo (Santos e Schucman, 2015), revelou que os alunos têm a raça uma classe relevante no entendimento das relações étnico/raciais importante na formação e experiência profissional do psicólogo. Também nessa mesma pesquisa, verificou que existia, porém, uma resistência por parte do corpo docente em falar sobre o racismo. A mesma enquete revelou que discutir cotas raciais na formação superior foi um dos fatores para permitir que o racismo e as relações raciais / etnias fossem discutidos abertamente em sala de aula (Santos e Schucman, 2015).

Porém, até hoje é comum ver sua radicalização nos debates realizados na academia, assim sendo, é fundamental divulgar as avaliações das diferentes experiências das universidades, além de aprofundar os debates (CFP, 2017).

3.4. O letramento racial e sua relevância na prevenção de uma reviolência no contexto do fazer clínico: Considerações em torno da atuação do Psicólogo.

De acordo com Gouveia e Zanella (2018), as concepções eugenistas do século XIX, no Brasil, determinavam e justificavam a negligência ao sofrimento psíquico dos negros, uma vez que as ideias baseadas na eugenia invalidavam este sofrimento, afirmando que o adoecimento psíquico destas pessoas era algo predestinado por sua genética. Sendo assim, a construção do conhecimento e as ciências humanas levaram muito tempo para se apropriar do sofrimento na

perspectiva afrodescendente, tornando as discussões que envolvem a relação entre raça e saúde mental alheias ao pensamento brasileiro (Gouveia e Zanello, 2018).

A supremacia branca foi construída ancorada no discurso de que existem grupos superiores e outros inferiores, baseados em suas características físicas e cor da pele. Este discurso coloca a população negra em lugar de subalternidade, performando o que hoje denominamos como racismo. O preconceito racial, através de violência física, moral e psicológica, impede as pessoas pretas de progredirem em processos nos quais a branquitude tem livre acesso, culminando no adoecimento da população negra brasileira (Bernardo e Tozatto, 2022).

Em contrapartida, existe a falácia de que o Brasil é um país de cultura amigável. Baseados nesta imagem fraternal são reproduzidos discursos que invalidam o sofrimento e a vivência de pessoas pretas, sob a falácia da democracia racial. Dentre estes discursos, perpetua-se a ideia de que somos todos iguais, porém é necessário sinalizar as mazelas existentes no país, como a desigualdade social imposta às pessoas pretas por meio do racismo, que se apresenta geralmente de maneira velada, sendo pouco evidenciado e compreendido, especialmente pela branquitude, que por sua vez, detém os poderes que estruturam a sociedade, consolidando assim esta desigualdade (Bernardo e Tozatto, 2022).

Para Bernardo & Tozatto (2022), é preciso romper com o imaginário popular de que os negros são pessoas escravizadas, para que não haja uma diminuição da luta deste povo e não seja roubado o protagonismo de pessoas negras na construção do Brasil, pois o racismo e a inferiorização de pessoas pretas produzem sofrimento psíquico (Bernardo e Tozatto, 2022).

Segundo Tavares (2013), as relações étnico-raciais e o racismo, ainda hoje, não são problematizados no Brasil. Diante disto, o autor destaca a responsabilidade antirracista do psicólogo, especialmente, em centros de saúde pública, pois nestes espaços o profissional acolhe sujeitos e coletivos expostos à vulnerabilidade social, vítimas de discriminação, preconceito e opressão (Tavares, 2013).

Diante do atual cenário brasileiro, no qual é perceptível uma crescente no que diz respeito à intolerância racial, torna-se evidente a necessidade de um fazer clínico pautado nas relações raciais e voltado para o acolhimento de pessoas alvo de discriminação racial (Gouveia e Zanello, 2018).

Posto isso, para proporcionar um acolhimento efetivo, é importante considerar o caráter subjetivo da vivência do racismo, pois cada indivíduo absorve e interpreta a violência sofrida e seus impactos de maneira individual, tendo em vista que o próprio racismo se apresenta de distintas maneiras (Bernardo e Tozatto, 2022).

Para que seja possível identificar os casos de racismo que atravessam o sofrimento psíquico de pessoas negras, é necessário um olhar crítico do profissional. Compreendemos que existe uma dificuldade em identificar o próprio racismo encoberto e enraizado no comportamento, na linguagem e nas atitudes racistas do profissional da saúde mental, sendo, muitas vezes, este profissional mais um responsável por causar dor e sofrimento ao sujeito, que busca uma escuta qualificada (Gouveia e Zanello, 2018).

O mito da democracia racial está diretamente relacionado à inexistência de debates sobre o racismo em instituições de ensino. Essa ausência de discussões é um reflexo do apagamento das pautas raciais que ocorrem em nosso país. Enquanto existir a utopia da igualdade racial, existirá a negligência de questões raciais e a formação de mais profissionais sem letramento racial e despreparados para lidar com o reflexo do racismo na saúde mental dos sujeitos (Carvalho e Missiatto, 2021).

Diante da importância do letramento racial dos profissionais de Psicologia, Gouveia e Zanello afirmam:

Essa invisibilidade do racismo no campo dos dispositivos da saúde mental é aparentemente ainda muito pouco problematizada. Assim, a inserção da temática do racismo como estressor responsável por dor, sofrimento e até morte, na agenda da Psicologia deve ser feita não apenas de forma transversal no currículo, mas também como disciplina específica; é necessária no ensino/treinamento, na prática clínica, e na pesquisa psicológica (Gouveia e Zanello, 2018, p. 461).

Gouveia e Zanello (2018) apontam que a ausência do letramento racial impacta no processo de escuta ao paciente afrodescendente, tornando o atendimento clínico um processo traumático e estressante, com efeitos que repercutem na saúde mental do sujeito ao longo da vida. Os autores afirmam ser crucial para a formação dos profissionais da saúde mental, uma releitura das construções científicas euro-centradas, sob uma ótica das relações étnico-raciais, assim como um embasamento teórico em teorias afro centradas (Gouveia e Zanello, 2018).

Nessa direção, faz-se necessário um olhar crítico e sensível às questões raciais, alinhado a um aprofundamento sobre as configurações do racismo e sua definição, para que o profissional tenha uma escuta atenta e capaz de promover um acolhimento diferenciado, centralizado na realidade social brasileira e especificidades do sofrimento de cada sujeito. Além disso, torna-se um imperativo, por parte dos docentes, a construção de práticas antirracistas nas construções acadêmicas, com a promoção de palestras que abordem a temática racial, utilizando em seus materiais produções de autores negros, bem como o estudo da saúde mental por uma perspectiva afrocentrada (Bernardo e Tozatto, 2022).

Gouveia e Zanello (2018), destacam a urgência de uma ênfase indagativa no âmbito da Psicologia Clínica, com o intuito de encorajar uma agenda voltada à saúde mental de pessoas negras e ao impacto da violência de cunho racista no cotidiano, entendendo o racismo como produtor de sofrimento psíquico, assim como também, uma abordagem sobre um tipo de racismo velado, o qual se mantém invisível nos dispositivos de saúde mental, espaços que deveriam ser de acolhimento para pessoas vítimas de racismo; e, no entanto, acabam gerando uma reviolência (Gouveia e Zanello, 2018).

Segundo Carvalho e Missiatto (2021), a Psicologia praticada no Brasil ainda sofre forte influência das teorias eurocêntricas e norte-americanas, negligenciando a singularidade da história Brasileira que é atravessada por um racismo estrutural e de forma velada restringe o direito de pessoas pretas ao acesso à saúde mental no país. Para os autores, enfatizar estes tópicos de forma específica e sistemática na formação de profissionais da psicologia permite criar um maior acervo de ferramentas antirracistas na formação de profissionais da Psicologia, permitindo a criação de um fazer clínico verdadeiramente humanizado e igualitário (Carvalho e Missiatto, 2021).

3.5. A formação profissional do psicólogo quanto às pautas raciais: impactos da atuação do psicólogo clínico na saúde mental dos pacientes.

O código de ética do psicólogo traz, entre outros princípios fundamentais da atuação desse profissional, o trabalho em prol de oferta de saúde tanto de forma individual quanto coletiva da população e a necessidade de uma postura combativa às opressões e discriminações dos mais variados tipos, como também afirma que

deve o psicólogo buscar compreender o cenário político, social e econômico no qual os indivíduos estão inseridos, pois tudo isso interfere na produção da relação saúde e doença (Conselho Federal de Psicologia, 2005).

Um dos fatores sociais importantes no que se refere ao adoecimento da população da qual o presente trabalho se debruça é o racismo. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM- V- TR, 2023) esse sistema de opressão e discriminação contribui para uma série de doenças a exemplo da hipertensão, bem como predispõe as pessoas afetadas por ele a transtornos de humor, uso de substâncias psicoativas e até mesmo o transtorno de estresse pós-traumático, entre outros sofrimentos psíquicos e físicos. Para além dos efeitos do racismo no adoecimento, é apontado que ele impacta também no acesso a serviços de saúde de qualidade e pode interferir na avaliação clínica através dos vieses e estereótipos dos profissionais responsáveis pelo atendimento (American Psychiatric Association, 2023)

Considerando todos esses dados fica a questão: como tem sido o olhar e o manejo do (a) psicólogo (a) com pacientes negros vitimados pelo racismo?

Falando da psicologia clínica em específico, há um grande déficit na produção de conhecimentos acerca do racismo, sendo difícil o acesso a materiais que proporcionam ferramentas e estratégias úteis na abordagem do racismo para um melhor tratamento do sofrimento dos pacientes (Tavares e Kuratani, 2019). Além disso tem-se a ausência de debates nas universidades sobre pautas raciais e o consequente despreparo dos psicólogos no contexto de escuta clínica a pessoas pretas. Essas lacunas são bem reconhecidas pelo próprio Conselho Federal de Psicologia (CFP) em seu documento: "Relações raciais: referências técnicas para a atuação de psicólogas (os)" publicado em 2017, o qual aborda o racismo nos mais diversos níveis e orienta os profissionais da área acerca de obras produzidas ao longo do tempo, que agregam nos estudos sobre raça e as formas nas quais o psicólogo pode colaborar para o enfrentamento em nível micro e macro desse sistema.

Foi a partir da percepção desse déficit acima referido que Damasceno (2018a) conduziu uma pesquisa, na qual entrevistou 7 psicoterapeutas brancos (as) para entender como eles manejavam na clínica as queixas trazidas de cunho racial e como foi a formação dos mesmos durante o período de graduação. Os resultados

apontaram que a formação em psicologia desses profissionais dispensou as discussões sobre raça e isso trouxe um impacto negativo sobre a atuação dos psicólogos com seus pacientes negros, visto que as atitudes desses profissionais, ao que era trazido na clínica pelos pacientes, alternaram entre o silenciamento ou uma escuta e acolhimento, sem que adentrassem de fato nessas questões raciais com profundidade. Um grande problema dos cursos de psicologia é que as teorias estudadas pelos estudantes não contemplam as especificidades da população negra e de outros grupos minoritários. Logo a escuta que se faz é universalizante.

Sobre a atitude de apenas escutar e acolher, Damasceno (2018a, p.84) defende que “para a elaboração do sofrimento, é provável que o (a) cliente necessitará de algo além de aceitação e acolhimento.” Acerca do silenciamento quando o profissional percebe que o sofrimento do paciente é causado ou atravessado pelo racismo e não pontua isso para o paciente, teve como justificativa, a seguinte afirmativa: o psicoterapeuta esperou que o paciente nomeasse como racismo as situações relatadas em terapia e daí partisse deles o interesse por abordar essas questões. Todavia, como pontua a autora, nem sempre o paciente se dá conta de que seu sofrimento é derivado do racismo, atribuindo assim outras causas ao seu adoecimento (Damasceno, 2018a).

Em outra pesquisa (Damasceno, 2018b), dessa vez voltada para pacientes negras atendidas por psicólogas brancas buscou-se compreender como foi para as entrevistadas serem acompanhadas por uma profissional com uma raça diferente da sua e quais as percepções elas tinham sobre a preparação dessas profissionais no que dizia respeito à influência da raça nas experiências de vida das pacientes. As entrevistadas trouxeram a constatação de um despreparo das psicoterapeutas frente a essa pauta que fez com que houvesse um estancamento do processo terapêutico, que seria mais bem aproveitado se desse conta do aspecto racial. As saídas encontradas pelas pacientes para lidar com esse fenômeno foram a não abordagem das vivências marcadas pelo racismo ou mesmo o fim da terapia com a profissional em questão. A fala de uma das participantes desse estudo exemplifica bem a insatisfação sentida em relação a isso:

Eu fico tanto com o pé atrás que eu não dou oportunidade pra isso acontecer entendeu, porque eu já ouvi muito isso de outras pessoas. Tipo assim, você chegar no consultório e falar de uma experiência de violência fudida assim, que é obviamente racial, e a pessoa só deslegitimar e sei lá falar que você está exagerando, falar que você é doido, que tipo tá na sua cabeça, que você tem mania de perseguição ... Então, eu só falo dessas

coisas quando eu sinto que eu tenho espaço pra isso, entendeu. Mas é foda demorar tanto tempo assim, pra eu confiar em uma pessoa que devia estar preparada, entendeu.

A ignorância do profissional em relação à contribuição do racismo para o adoecimento de seus pacientes leva-os a ver como um aspecto individual algo que é social como traz Damasceno (2018b) a partir da fala de umas das psicoterapeutas entrevistadas. Para essa autora, isso constitui uma forma de perpetuar o racismo institucional, na medida em que o psicólogo não se posiciona contra esse sistema.

Em alguns casos, o psicoterapeuta compreende que o racismo é fonte de sofrimento para a pessoa em atendimento e a partir desse momento se engaja em trazer esses pontos nas sessões, além de ir atrás de conhecimentos acerca dessa temática como foi o caso trazido por Tavares e Kuratani (2019) de uma psicóloga asiática que se deparou com uma queixa trazida e nomeada por sua paciente negra como sendo de cunho racial que a fez redirecionar sua prática clínica para trabalhar em cima dessas questões raciais.

Os estudos citados acima trazem a ausência do letramento racial do psicólogo em atendimento a pessoas negras e o quanto essa falha na formação profissional atrapalha o bom andamento e aproveitamento do processo terapêutico, principalmente quando o psicoterapeuta não vai atrás de corrigir essa lacuna.

O racismo já é por si só fonte de sofrimento para pessoas negras e quando a terapia acaba sendo um espaço de silenciamento, uma nova violência ocorre, o que deixa o paciente ainda mais fragilizado.

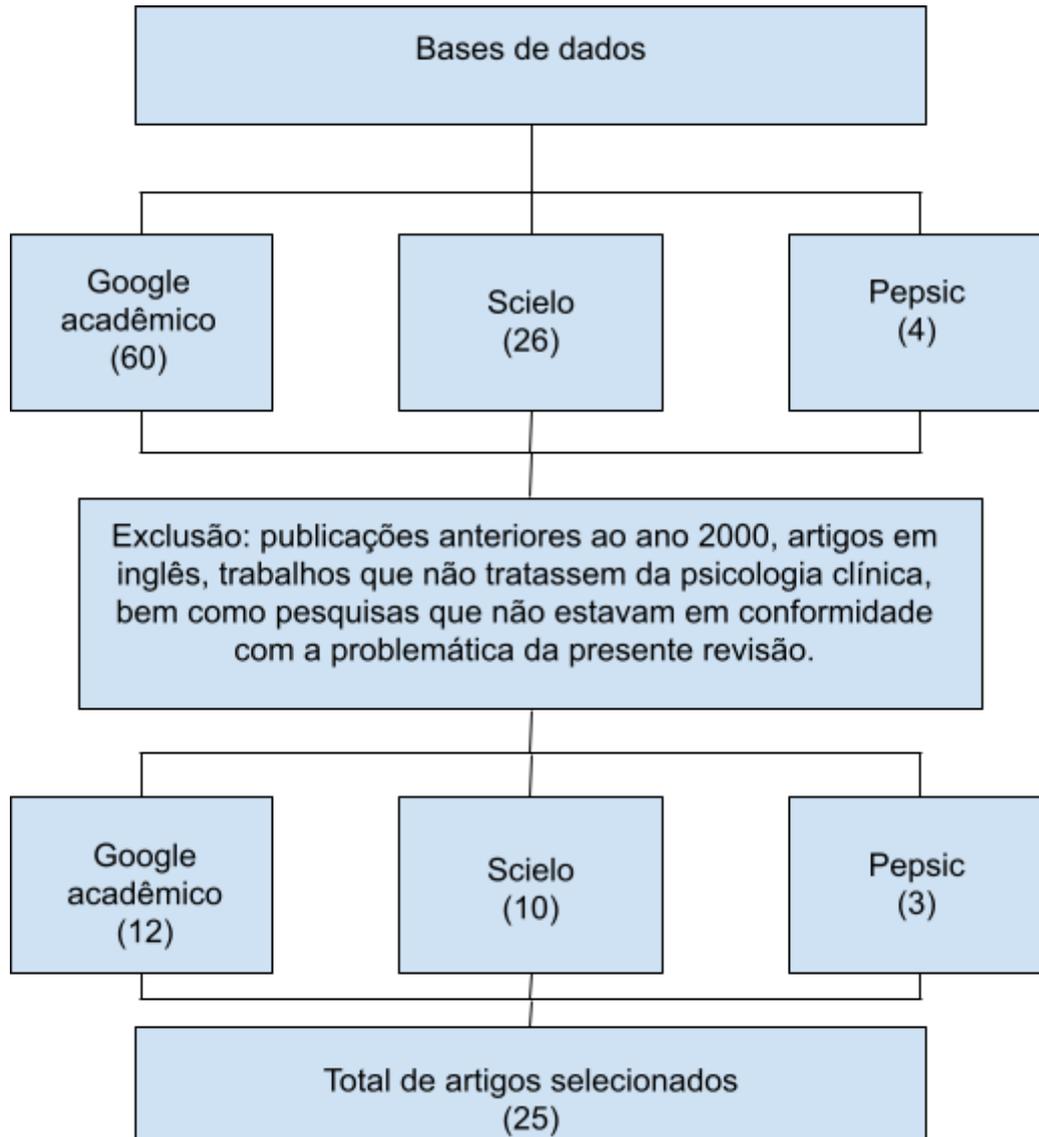
4. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de revisão sistemática de literatura, sobre o uso do letramento racial como uma ferramenta antirracista na escuta clínica. Marconi e Lakatos (2003), afirmam que essa metodologia serve para gerar uma proximidade do pesquisador com o tema de seu interesse, colocando-o em contato com o que já foi produzido sobre o assunto em questão, através de artigos, livros e outros materiais disponíveis (Lakatos, 2003). Esse tipo de pesquisa é a que mais se adequa ao intuito deste trabalho, que é fazer um levantamento do que foi produzido até o momento sobre o tema na literatura.

O referencial teórico foi construído em conformidade com o tema exposto no objetivo geral, bem como, alinhado com as demandas dos objetivos específicos, a partir dos materiais disponíveis nas plataformas Google Acadêmico, Scielo e livros que abordam a temática.

Para a construção deste trabalho, foi realizada uma busca de materiais publicados sobre o letramento racial e sua importância para a psicologia clínica, do período de 2001 a 2023, considerando artigos, revistas e livros. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: letramento racial, racismo, psicologia clínica, branquitude, etnia. Os critérios utilizados para exclusão de artigos foram: publicações anteriores ao ano 2000, artigos em inglês, bem como pesquisas que não estavam em conformidade com a problemática da presente revisão. No que se refere aos critérios de inclusão foram escolhidos para compor o documento: artigos que trouxessem o manejo de psicólogos clínicos frente a demandas em que o racismo fosse um ponto crucial para o sofrimento do paciente e textos que abordassem como tem sido a formação profissional dos psicólogos no Brasil referente a essa temática durante o período de graduação. A maioria dos textos que compõem esse documento foram resultantes do entrecruzamento das palavras psicologia clínica e racismo. Ao final foram utilizados o total de 14 textos para composição do referencial teórico.

FLUXOGRAMA 1- BASES DE DADOS CONSULTADAS E CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO.



5- RESULTADOS E DISCUSSÃO

TABELA 1 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

| AUTOR/ANO | DESENHO DO ESTUDO | PARTICIPANTES | PRINCIPAIS RESULTADOS |
|---|---|---------------|--|
| AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION / 2023 | Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais | n/a | n/a |
| Juliana Harumi Chinatti Yamanaka / 2021 | Resenha | n/a | A abordagem de Almeida sobre o racismo estrutural se revela potente para estudos discursivos que considerem a perspectiva epistemológica dos sujeitos diretamente afetados por esse fenômeno social, que tem a linguagem como uma de suas ferramentas de sustentação |

| | | | |
|--|------------------------|--|---|
| Virginia Leone Bicudo, 2010 | Artigo Científico | n/a | Os mulatos dos estratos intermediários mantêm distância das fileiras da Frente Negra Brasileira, organização formada por negros conscientes das dificuldades sociais decorrentes de sua cor. Mesmo os pretos dessa camada social tendem a se afastar da agremiação, pois sua adesão à cultura do grupo dominante favorece certo tipo de ajustamento social que se processa por meio do isolamento e do conformismo. |
| Luany Dias Bernardo e Alessandra Tozatto, 2022 | Pesquisa bibliográfica | n/a | O racismo é estrutural, que configura todas as relações sociais. Deturpa a identidade do indivíduo negro, prejudicando a sua saúde mental e afetando a sua autoestima. O negro tem maior dificuldade de ocupar certos espaços, com teorias de que não é pertencente. Principalmente nas universidades e no mercado de trabalho, nos quais, mesmo estando preparados, poucos chegam a cargos de liderança. |
| Fábio Rodrigues Carvalho e Leandro Aparecido Fonseca Missiatto, 2021 | Qualitativo | n/a | Restrito conhecimento temático; dificuldades em relacionar conceitos de forma crítica que abarque as especificidades desses fenômenos na realidade; escasso repertório teórico-metodológico dos estagiários em identificar tais questões em clínica, limitando-se a utilização de técnicas psicoterapêuticas que não contemplam as especificidades dessas demandas. |
| CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, CONSELHO REGIONAL PSICOLOGIA, Crepop, 2017 | Livro | n/a | n/a |
| CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005 | Código de Ética do CFP | n/a | n/a |
| Alexia Bretas, 2016 | Resenha | n/a | Davis assume seu lugar de protagonismo junto aos movimentos sociais trans-nacionais e ao feminismo negro brasileiro, em particular. Elas e tantas outras mulheres hoje reunidas nessa luta comum são as herdeiras e continuadoras de um "legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual [e racial]" |
| MARIZETE GOUVEIA DAMASCENO, 2018 | Tese | 509 artigos, 7 mulheres, 4 psicoterapeutas mulheres e 3 psicoterapeutas homens | O racismo na psicologia clínica se torna presente por omissão: a invisibilização do racismo como gerador de sofrimento psicológico reverbera, por sua vez, tanto na teoria quanto no ensino-pesquisa, e retorna na prática clínica universalizante. |
| MARIZETE GOUVEIA DAMASCENO, 2018 | Artigo Científico | 7 mulheres | A transferência inter-racial no processo terapêutico e a falta de formação do(a) psicoterapeuta para atender clientes negros(as). |
| Daniele de Oliveira, Viviane de Melo Resende, 2020 | Quantitativa | 35 | A percepção do privilégio branco, mesmo quando afirmada, é permeada de ideias que podem fundamentar práticas e/ou discursos racistas, e que a representação de mulheres negras ainda é calcada em estereótipos socialmente construídos numa sociedade fortemente racista como a nossa. |
| Marizete Gouveia, Valeska Zanello, 2019 | Quantitativa | 7 mulheres de coletivos negros em uma universidade pública brasileira | A formação da(o) psicóloga(o) no Brasil parece não trazer os elementos necessários para o entendimento e atendimento da população específica do país |
| Anibal Quijano, 2005 | Qualitativo | n/a | O que podemos avançar e conquistar em termos de direitos políticos e civis, numa necessária redistribuição do poder, da qual a descolonização da sociedade é a pressuposição e ponto de partida, está agora sendo arrasado no processo de reconcentração do controle do poder no capitalismo mundial e com a gestão dos mesmos responsáveis pela colonialidade do poder. Consequentemente, é tempo de aprendermos a nos |

| | | | |
|--|--|----------------------------------|---|
| | | | libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos. |
| Maria Eunice de S. Maciel, 1999 | Qualitativo | n/a | n/a |
| Marcia Ribeiro Ramos, 2021 | Dissertação | n/a | A psicologia continua branca, estudando um ser humano único, universal, um currículo hegemônico, com autores homens brancos. Poucas psicólogas pesquisam relações étnico-raciais e contribuem para uma formação acadêmica plural e que reflita a realidade sócio-racial brasileira. O mito da democracia racial é perpetuado nos saberes psicológicos. O próprio sistema de conselhos se pronunciou tardiamente sobre o tema |
| Caroline Ma V. de Souza Sifuentes, 2018 | Resenha | n/a | Tratar da temática do feminismo negro e do lugar de fala, que ainda estão tão permeados de preconceito, inserindo-os no bojo dos estudos do discurso, é absolutamente respeitável e valioso, o que faz deste livro uma fonte rica e original de pesquisa, principalmente por sua abordagem didática e suas importantes contribuições teóricas, que deve ser amplamente utilizado por estudiosos da linguagem e das mais diversas áreas das ciências sociais que buscam suscitar reflexões e transformações na sociedade. |
| Marilda Castelar e Carolina Conceição de Oliveira Santos, 2012 | Análise Crítica | Grupos de estudo em sala de aula | A Psicologia, enquanto campo de saber, tem potencial e é solicitada constantemente para novas e grandes contribuições. Nesse sentido, até o momento, conseguiu-se dar visibilidade à importância da promoção dos Direitos Humanos. Foi pensando na importância de a categoria incluir tais discussões em sua prática e iniciá-las ainda na formação. No entanto, não pode ser algo isolado das outras disciplinas, dos conteúdos curriculares ou apenas limitado às Comissões de Direitos Humanos do Sistema Conselhos, discussões ainda restritas em Grupos de Trabalho sobre as Relações Raciais. É preciso que outras ações possam somar-se e subsidiar o entendimento e a ampliação do discurso psicológico em suas dimensões concretas e subjetivas, para o enfrentamento do desafio de transformação da realidade |
| Alessandro de Oliveira dos Santos, Lia Vainer Schucman, 2015 | estudo qualitativo descritivo exploratório | 16 | As relações raciais merecem mais atenção dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia e que a formação de psicólogos(as) deve incluir a reflexão crítica sobre a categoria raça e o racismo. |
| Lia Vainer Schucman e Hildeberto Vieira Martins, 2017 | levantamento histórico, bibliográfico e documental | n/a | Apesar de a Psicologia hoje já ter construído uma variedade de trabalhos sobre esse assunto e, portanto, de conhecimento sobre a temática aqui discutida, encontramos ainda pouca atenção da categoria como um todo – principalmente no que diz respeito aos cursos de formação de psicólogos – para a compreensão e engajamento na temática e também para a produção de respostas adequadas ao que tange à redução do racismo e seus efeitos. |
| Neusa Santos Souza, 1983 | Livro | n/a | n/a |
| Natália Oliveira Tavares, Lorena Vianna Oliveira e Sônia Regina Corrêa Lages, 2013 | Qualitativo | 7 psicólogos | Ausência de um olhar crítico dos profissionais sobre as relações étnico-raciais e suas implicações no campo da saúde, o que reproduz a ideologia da igualdade social no país, não contribuindo, assim, para com as ações promotoras da equidade. |
| Jeane Saskya Campos Tavares e Sayuri Miranda de Andrade Kuratani, 2019 | Relato Clínico | 2 mulheres autodeclaradas negras | Os principais resultados referem-se ao estabelecimento de vínculo seguro e saudável, ao aumento do repertório de habilidades sociais, à elevação da autoestima e ao desenvolvimento de capacidade de autocompaixão/autocuidado pelas pacientes |
| Lucas Mota Veiga, 2019 | estudo epistemológico | n/a | É necessário efetuar a expansão de uma Psicologia Preta no Brasil é uma experiência de aquilombamento. |

| | | | |
|---|---------------------|-------------|--|
| ZANELLO, V., GOUVEIA, M et al, 2016 | Revisão Sistemática | 509 artigos | Concluiu-se que o tema tem baixa produção acadêmica no Brasil de modo geral, pouca contribuição da Psicologia e menos ainda das demais disciplinas afetas aos CAPS (Centros de Assistência Psicossocial), espaços de assistência pública à saúde mental, buscados majoritariamente pela população negra de baixa renda, dependente dos serviços de saúde pública |
|---|---------------------|-------------|--|

Após coletadas as fontes de informação, verificou-se e estruturou-se os textos em três tópicos de discussão: 1. O curso de psicologia e a educação das relações raciais: reflexões em torno da formação inicial do Psicólogo. No qual discorreu sobre as produções literárias no campo da psicologia nas relações raciais e discorremos sobre a formação em psicologia. 2. O letramento racial e sua relevância na prevenção de uma reviolência no contexto do fazer clínico: Considerações em torno da atuação do Psicólogo. Trazendo neste tópico textos que dialogam sobre o atual cenário da formação acadêmica de psicologia em relação às temáticas raciais e os atravessamentos que o despreparo destes profissionais pode trazer às pessoas pretas em processo de escuta. 3. A formação profissional do psicólogo quanto às pautas raciais: impactos da atuação do psicólogo clínico na saúde mental dos pacientes. Onde tratamos da importância do letramento racial ainda na construção acadêmica.

Os resultados obtidos em relação ao curso de psicologia e as produções acadêmicas sobre as relações raciais apontaram que houve um aumento no interesse pelo assunto e avanços na produção dessa temática por profissionais da psicologia nesses últimos anos, mas ainda há muito o que ser feito (CFP, 2012).

A psicologia social é a área da psicologia que mais se debruça sobre essas questões, estando a psicologia clínica muito distante desse tema (Damasceno, 2018b). Nos cursos de psicologia da maioria das universidades não há o ensino ou o debate sobre relações raciais e o sofrimento psíquico gerado pelo racismo, o que representa uma grande lacuna na formação desses profissionais. Em alguns casos, essa temática é abordada devido ao interesse dos alunos ou de alguns professores, mas normalmente não aparece enquanto disciplina obrigatória ou tema transversal em outras disciplinas do curso de psicologia (Castelar e Santos, 2012; Santos e Schucman, 2015).

A experiência de Castelar e Santos (2012) ilustra bem essa realidade. As atividades desenvolvidas na universidade da Bahia com alunos de psicologia foram iniciadas por um interesse da docente Marilda Castelar, que junto a outros docentes

ministraram uma série de atividades acerca da temática, com o intuito de sensibilizar os graduandos para essa realidade. Tudo que foi feito nesse espaço da universidade da Bahia foi extremamente importante tanto para a preparação dos futuros profissionais que estavam em formação como também para agregar na literatura sobre o tema, visto que desses movimentos resultaram trabalhos de conclusão de curso e pesquisas de iniciação científica, como apontou Marilda e Santos (2012) no referido artigo.

Infelizmente, esse cenário explicitado acima não representa a realidade acadêmica brasileira, sendo essa experiência uma exceção.

Para Bernardo e Tozatto (2022), a baixa autoestima pode ser uma das condições psicológicas experimentadas por pessoas negras que são tratadas com desigualdade por possuírem traços negróides. Sendo assim, as autoras apontam a importância dos profissionais da Psicologia no acolhimento destes sujeitos, que podem trazer em seus discursos crenças de inferioridade, afetando suas relações pessoais, profissionais e até a visão que possuem de si mesmos. Destacam também a forma que o racismo ainda é vivenciado por pessoas negras no Brasil e pontuam que as ideologias originadas no período de escravidão no país, ainda hoje demarcam os privilégios e os estigmas oriundos da cor da pele de cada sujeito (Bernardo e Tozatto, 2022).

Carvalho e Missiatto (2021) chamam a atenção para a vulnerabilidade social da população negra e as limitações de acesso que esta vulnerabilidade provoca. Destacando o não acesso às políticas públicas e a saúde pública de qualidade, que reverberam em processos de marginalização dos sujeitos (Carvalho e Missiatto, 2021).

Diante do exposto, as autoras Bernardo e Tozatto (2022), discutem ainda sobre a forma subjetiva que o racismo atravessa a pessoa negra, que em muitos casos, o próprio sujeito não se dá conta desse atravessamento e não raramente o reproduz, negando a própria negritude e se afastando da sua realidade. As autoras trazem à discussão a importância da representatividade, pois a falta de identificação gera a solidão, uma vez que a mesma constitui a formação da identidade dos sujeitos (Bernardo e Tozatto, 2022).

Além dos impactos do racismo na saúde mental dos sujeitos, podemos destacar também a importância da formação do profissional de psicologia com um olhar voltado para as causas raciais. Diante disso, Carvalho e Missiatto (2021)

apontam que a formação do profissional de psicologia ainda constrói um currículo pouco voltado às realidades sociais e com um perfil mais técnico, baseados em teorias européias e estadunidenses, nas quais a pauta racial é pouco evidenciada (Carvalho e Missiatto, 2021).

Bernardo e Tozatto (2022), afirmam que existe uma ausência de discussões combativas contra o racismo na sociedade contemporânea, em ambientes educacionais, incluindo as universidades. Além de apontar que existe uma baixa produção de artigos científicos da Psicologia que abordam esta temática, tornando o racismo um assunto alheio aos profissionais e dificultando o manejo das marcas que esta violência imprime na subjetividade da pessoa negra no Brasil (Bernardo e Tozatto, 2022).

Gouveia e Zanello (2019) definem a universalização das teorias euro americanas admitidas pelos psicoterapeutas como uma violência, por se tratar de um modelo que tem como padrão mundial de ser humano o sujeito branco. Foi destacada também a falta de preparo destes profissionais em questões raciais, como um aspecto que pode afetar a qualidade da escuta clínica deste público e que pode partir tanto de profissionais brancos como negros, pois apenas a identificação pessoal com as vivências não garante a eficácia deste atendimento (Gouveia e Zanello, 2019).

Referente ao capítulo que aborda os impactos da atuação do psicólogo na saúde mental dos pacientes, os resultados foram os seguintes: Quando o profissional de psicologia não está por dentro do assunto das relações raciais e das consequências do racismo no sofrimento psíquico de pacientes negros, não tendo assim preparação teórica e técnica para manejar demandas que envolvem o racismo, pode acabar reviolentando o sujeito através da invalidação do sofrimento deste ou mesmo acaba-se não prestando um bom trabalho terapêutico por negligenciar questões que poderiam diminuir a dor desses pacientes (Damasceno, 2018b; Damasceno, 2018a). A invalidação acontece em alguns casos por meio do uso de teorias eurocêntricas, universalizantes usadas em psicoterapia numa tentativa do psicólogo de compreender a vivência do paciente, que não dão conta das particularidades de grupos minoritários como é o caso da população negra (Damasceno, 2018b).

Palavras como: frustração, incompreensão, raiva, deslegitimação e inconformidade representam bem os sentimentos e atitudes das pacientes acerca do processo terapêutico que vivenciaram.

As estratégias utilizadas pelas pacientes negras nesse estudo de Damasceno (2018b) foram de continuar o processo terapêutico sem abordar a temática racial, pois percebiam os terapeutas como não aptos a essa demanda ou de terminar a terapia pois chegou-se a um estancamento, há um limite do que poderia ser dialogado. Damasceno (2018b) traz enquanto pontos essenciais para uma realidade diferente a conscientização racial dos psicólogos, o letramento racial dos mesmos, o desenvolvimento da habilidade de empatia e a psicoterapia pessoal do terapeuta.

Outro estudo, desta vez feito por Kuratani e Tavares (2019) também trouxe o despreparo do psicoterapeuta acerca da temática racial e a espera da iniciativa do próprio paciente definir a experiência relatada em psicoterapia como de cunho racial. A diferença nesse caso, é que a psicoterapeuta iniciou um aprofundamento no assunto após a abordagem do tema pelo paciente e mudou a forma de conduzir a terapia, não tendo havido desistência do processo terapêutico, nem invisibilização da temática dentro do setting.

Sobre o processo de busca dos dados para a composição deste trabalho, foram encontrados poucos materiais abordando o letramento racial e dos resultados obtidos a partir dessa palavra-chave, constatou-se a ausência de textos que fizessem a associação entre o letramento racial e a psicologia clínica, sendo sempre esse conceito relacionado a outras áreas do conhecimento como a pedagogia, por exemplo. Esse termo aparece somente e de forma breve no corpo do texto em artigos que discorrem acerca do racismo e da psicologia clínica, mesmo nesse caso não é exposto de forma aprofundada o significado desse conceito e prática e como ele se aplica ao fazer clínico do psicólogo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foram analisados artigos acadêmicos que abordam a temática racial com o objetivo de verificar de que forma o letramento racial tem sido incorporado na formação profissional do psicólogo no Brasil, além de compreender a importância de adotar uma postura antirracista na prática clínica de psicologia. Ao longo deste trabalho, investigou-se a maneira pela qual as universidades brasileiras têm tratado as questões raciais no currículo do curso de Psicologia, bem como

observou-se as consequências da ausência do letramento racial na atuação clínica do psicólogo.

Os resultados da pesquisa revelam uma escassez de uma grade curricular voltada para a formação de profissionais sensíveis às questões raciais, especialmente no contexto clínico. Em relação à formação acadêmica do psicólogo, notou-se que as teorias de saúde mental atualmente ensinadas são predominantemente eurocêntricas, não preparando o profissional para lidar com as particularidades dos indivíduos impactados pelo racismo e todas as adversidades perpetuadas pelos estereótipos que afetam esses indivíduos em razão de sua etnia.

Durante esta pesquisa, ficou evidente que a ausência de preparo profissional para acolher pessoas vítimas de violência racial e para combater o racismo pode transformar esse espaço clínico em um cenário de revitimização. Portanto, é fundamental que o profissional esteja atento não apenas às experiências dos pacientes, mas também à sua própria relação com as questões raciais, a fim de evitar que, em vez de acolher o sujeito, ele se torne inadvertidamente um reforço do sofrimento.

As descobertas apresentadas neste trabalho têm relevância significativa para provocar reflexões sobre a psicologia clínica que estamos construindo atualmente, bem como questionar a quem se destina a escuta proposta por essa prática. Dessa forma, sugere-se que pesquisas futuras investiguem de que maneira a ausência de letramento racial e o desconhecimento da história da população negra afetam o profissional, que se vê desprovido das ferramentas adequadas para acolher o sofrimento desses sujeitos. Somente por meio desse entendimento mais profundo e da mudança efetiva em nossa formação profissional podemos caminhar em direção a uma psicologia mais inclusiva, equitativa e antirracista, capaz de oferecer acolhimento eficaz a todos os sujeitos, independentemente de sua origem étnica.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM- 5-TR**. 5. Ed. Rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural: feminismos plurais**. Sueli Carneiro. São Paulo: Pólen, 2019.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**.

Sociologia. São Paulo, v. 9, n. 3, p. 195-219, 1947.

BERNARDO, Luany Dias.; TOZATTO, Alessandra. Racismo e saúde mental da população negra no Brasil: notas para uma psicologia contemporânea.. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 12, p. 436–459, 2022.

CARVALHO, Fábio Rodrigues; MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Raça e Classe na Clínica Psicológica: Concepções de estagiários do interior da Amazônia ocidental. **Psicologia & Sociedade**, v.33, p. e250991, 2021.

CASTELAR, Marilda; SANTOS, Carolina Conceição de Oliveira. Relações raciais no ensino de psicologia: uma experiência de sensibilização. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 1, n. 1, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, **Código de ética profissional dos psicólogos**. Resolução nº 10/05, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; CONSELHOS REGIONAIS DE PSICOLOGIA; CREPOP. **Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas/os**. 1ª edição. Brasília: CFP, 2017.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: **Boitempo**, 2016.

DAMASCENO, Marizete Gouveia. **Psicoterapeutas brancos (as) em atendimento a pessoas negras**: deficiência de formação, invisibilidade do racismo. Brasília, 2018.

DAMASCENO, Marizete Gouveia. **A vivência do racismo por mulheres negras dentro e fora do atendimento psicoterapêutico**. Brasília, 2018.

FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não-marcada. In: WARE, V. (org.) Branquidade: identidade branca e multiculturalismo. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: **Garamond**, 2004. p.307-338.

GOUVEIA, Marizete; ZANELLO, Valeska. **Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro**: experiências e percepções de mulheres negras. *Psicologia em estudo*, V. 24, e42738, 2019.

MACIEL, Eunice de Souza. **A eugenia no Brasil**. Anos 90: Revista de programa de pós graduação, Porto Alegre, N.11, p.121-143, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber*: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005a. p. 107-30.

RAMOS, Márcia Ribeiro. **Branquitude e psicologia: O estado da arte e relações étnico- raciais (2003-2018)**. Orientador: Tânia Mara Pedroso Muller. 2020. 137 f. Dissertação (mestrado) - programa de pós graduação em relações étnico raciais (PPRER), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2018.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogo(as). **Rev. Epos**, Rio de Janeiro , v. 6, n. 2, p. 117-140, 2015.

SCHUCMAN, Lia Vainer e MARTINS, Hildeberto Vieira (2017). A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do “Objeto da Ciência” ao Sujeito Político. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. spe, p. 172–185, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1º edição. 1983.

TAVARES, Natália Oliveira; OLIVEIRA, Lorena Vianna; LAGES, Sônia Regina Corrêa. A percepção dos psicólogos sobre o racismo institucional na saúde pública. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n.99, p. 580-587, 2013.

TAVARES, Jeane Saskya Campos; KURATANI, Sayuri Miranda de Andrade. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.39, e184764, 1-13, 2019.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia – Dossiê Psicologia e epistemologias contra hegemônicas**, Niterói, v. 31, n. esp., p. 244-248, 2019.

ZANELLO, Valeska Maria Loyola; DAMASCENO, Marizete Gouveia. (2016). Psiquiatria e racismo. In: F. C. LEMOS, D. GALINDO, P. P. G. BICALHO, E. T. A FERREIRA, B. A. CRUZ, T. S. NOGUEIRA et al. (Orgs.), **Práticas de judicialização e medicalização dos corpos no contemporâneo**, Curitiba, (Vol. 5, pp. 73-80), 2020.